ISSN: 2358-8829

A HORA DO CONTO COMO AÇÃO PEDAGÓGICA PARA A FORMAÇÃO LEITORA NA INFÂNCIA

Letícia Souza Borrozzino [1]
Fernanda Graciele Bispo Ribeiro [2]
Jéssica dos Santos Silva [3]
Greice Ferreira da Silva [4]

INTRODUÇÃO

A formação de leitores na infância não é o ensino técnico de reconhecer letras, palavras e os sons das letras. Envolve criar condições para que a criança encontre sentido na leitura, perceba sua presença na vida social real e estabeleça relações significativas com os textos, os livros, os outros leitores e o conhecimento. Nessa perspectiva, a escola possui papel relevante, pois pode ampliar as experiências culturais das crianças e organizar situações nas quais a leitura seja vivenciada como prática social e cultural. Entre essas possibilidades, destaca-se a Hora do Conto, compreendida neste trabalho como uma prática pedagógica que pode aproximar a criança da literatura e criar necessidades para a leitura.

Girotto e Lima (2011) defendem que a aprendizagem da leitura e da escrita deve ocorrer em experiências que tenham significado para o sujeito. Para as autoras, a criança pode participar ativamente de experiências de leitura mesmo antes de dominar convencionalmente o sistema de escrita. Tendo isto em vista, contar e ler histórias constituem possibilidades importantes de aproximação com a linguagem escrita e com os conhecimentos culturais. As autoras ressaltam que "o aprendizado da linguagem deve ocorrer dentro de um contexto em que se trabalhe textos portadores de um significado para as crianças" (Girotto; Lima, 2011, p. 64).

[1]Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina – UEL, leticia.souza.silva@uel.br;
[2] Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina – UEL fernanda.graciele@uel.br;
[3]Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina – UEL, jessicadossantospr@gmail.com;
[4] Docente titular da Universidade Estadual de Londrina – UEL, greice@uel.br.

ISSN: 2358-8829

Essa compreensão permite retirar a Hora do Conto de uma perspectiva em que a história é apresentada apenas para preencher um momento da rotina, passando a ser compreendida como uma atividade planejada como experiência de formação. A criança não ocupa uma posição passiva diante do texto. Ela escuta, observa, formula hipóteses, relaciona acontecimentos, reage aos personagens, interpreta imagens, comenta situações e compartilha sentidos. Sendo assim, a contação de histórias pode constituir um espaço de participação e de construção de relações com a literatura.

O problema orientador desta discussão pode ser colocado da seguinte forma: de que modo a organização intencional da Hora do Conto no cotidiano escolar pode contribuir para a criação de necessidades de leitura e para a formação de leitores na infância? A partir dessa questão, este trabalho tem por objetivo refletir sobre como a organização de momentos de contação de histórias na escola pode promover o interesse e necessidade das crianças pela leitura, contribuindo para o desenvolvimento da imaginação, da linguagem e da negociação de sentidos sobre o texto literário. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica, construída a partir da análise de produções teóricas, especialmente os trabalhos de Bajard (2012), Coelho (2000) e Girotto e Lima (2011), além das discussões sobre formação leitora, mediação e Hora do Conto. A discussão não pretende apresentar resultados de intervenção própria, mas realizar uma reflexão teórica sobre as possibilidades pedagógicas da prática. A organização do texto contempla a relação entre criança, leitura e necessidade de ler; em seguida, aborda a literatura infantil e a mediação; psteriormente, discute a Hora do Conto, sua organização e suas contribuições para a formação do leitor e, por fim, apresenta as considerações finais.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza bibliográfica, desenvolvida a partir da leitura e análise de produções teóricas relacionadas à literatura infantil, à formação de leitores, à mediação e à Hora do Conto. Foram considerados, como principais referências para a discussão, Bajard (2012), Coelho (2000), Girotto e Lima (2011) e Mello (2011), buscando estabelecer relações entre os conceitos apresentados pelos autores e o problema proposto neste trabalho.

A análise teve caráter reflexivo e interpretativo, sem realização de intervenção ou pesquisa de campo. O percurso consistiu em identificar, nas obras selecionadas, elementos

ISSN: 2358-8829

que permitissem compreender a criança como participante das práticas de leitura, a importância da criação de sentidos para a leitura e as possibilidades da Hora do Conto como experiência pedagógica. A partir desse olhar, as discussões apresentadas resultam da articulação dos referenciais teóricos com o problema proposto.

REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão da leitura como prática cultural exige considerar a maneira como a criança se relaciona com os objetos e conhecimentos que lhe são apresentados. Mello (2011), ao discutir as contribuições de Leontiev e Vygotsky, evidencia que a apropriação da cultura não ocorre de forma mecânica. A criança participa ativamente desse processo, e as condições concretas de suas experiências interferem nos sentidos que ela atribui aos objetos culturais.

Segundo Mello (2011), a atitude da criança diante de determinado objeto depende do que esse objeto significa para ela, de como ela o compreende e de quanto é afetada por ele. Assim, a relação com a leitura não pode ser reduzida à apresentação de letras, sons e procedimentos técnicos. É necessário que a criança encontre situações nas quais ler ou ouvir textos esteja relacionado a uma finalidade significativa para ela.

Mello (2011) destaca que o sentido é constituído nas relações reais estabelecidas com os objetos da cultura. Por isso, a formação de uma atitude leitora depende das experiências de leitura vivenciadas pela criança. Quando a leitura é apresentada como exercício de decodificação ou como tarefa a ser cumprida para atender à solicitação do professor, o motivo construído pela criança se distancia da função social da leitura. Quando a criança lê ou escuta para compreender uma informação, conhecer uma história e compartilhar sentimentos, ali ela pode construir um sentido mais próximo da função social da mesma.

A afirmação de Mello (2011) que “formar na criança um motivo para a leitura de um texto escrito que coincida com sua finalidade é condição para a constituição da escrita sob a forma de atividade” (Mello, 2011, p.01). Esse trecho é especialmente relevante para a Hora do Conto, uma vez que a contação de histórias pode apresentar a leitura como uma prática que possui uma finalidade própria, como conhecer uma narrativa, acompanhar acontecimentos, imaginar situações, ouvir uma obra literária e compartilhar uma experiência.

Essa compreensão também desloca a ideia de que a criança deve primeiro dominar a técnica para somente depois ter contato significativo com a leitura. A participação em práticas de leitura pode anteceder a autonomia convencional e, com isso, contribuir para a constituição

ISSN: 2358-8829

de sentidos que posteriormente sustentem o interesse pela leitura. A criança pequena pode ouvir, observar, antecipar, perguntar, comentar e produzir interpretações, mesmo quando ainda não realiza a leitura gráfica de maneira autônoma.

A literatura infantil ocupa lugar significativo no processo de formação leitora porque coloca a criança em contato com narrativas, personagens, conflitos, imagens e diferentes formas de organização da linguagem. Sua presença na escola pode ampliar as experiências culturais infantis e oferecer possibilidades produção de sentidos e de imaginação, pois retomamos aqui uma fala de Arena (2010, p.30) " Imaginar, portanto, não faz apenas parte do mundo infantil, mas é uma faculdade do homem, social e historicamente desenvolvida". Portanto, para que isso aconteça, a literatura precisa ser considerada em sua especificidade, evitando-se sua redução a um instrumento para o ensino de conteúdos, pois segundo Arena (2010) ainda encontramos em a massa a utilização da leitura neste formato conteudista da literatura, como dito previamente, a literatura infantil possui esta troca cultural e diferentes formas de organização da linguagem, as quais são necessárias para se apropriar da mesma.

Coelho (2000) compreende a escola como espaço privilegiado para o encontro entre o leitor e o livro e chama atenção para diferentes formas de organização do trabalho com a literatura. A autora afirma que "essa dualidade de ambientes (o programado e o livre) corresponde às duas faces básicas da formação visada" (Coelho, 2000, p. 12). Essa perspectiva permite compreender que o planejamento pedagógico e a liberdade de participação da criança não precisam ser dimensões opostas.

Na Hora do Conto, o planejamento é necessário para que o professor selecione a obra, conheça sua narrativa, organize o espaço e crie condições adequadas para a escuta. Ao mesmo tempo, a experiência não deve ser excessivamente controlada, pois a criança precisa ter possibilidade de reagir, comentar, interpretar, formular hipóteses e relacionar a história com suas próprias experiências. A intencionalidade docente, organiza as condições da atividade sem eliminar a participação infantil.

Coelho (2000) também ressalta a relação entre o livro infantil, o autor e a criança. Para a autora, "o ato de ler (ou de ouvir), pelo qual se completa o fenômeno literário, se transforma em um ato de aprendizagem" (Coelho, 2000, p. 29). Nesse sentido, ouvir histórias integra a experiência literária e permite que crianças que ainda não leem convencionalmente participem do encontro com a obra, assim fomentando seu encontro com a leitura.

Essa compreensão é importante porque amplia a ideia de formação leitora. Segundo Arena (2010) Formar leitores não é, e se distancia de preparar a criança para decodificar palavras, mas sim proporcionar experiências em que ela reconheça o livro como objeto

ISSN: 2358-8829

cultural e a leitura como prática significativa e necessária. com isto, a literatura pode então ocupar um espaço cotidiano na infância, possibilitando experiências continuadas de escuta, imaginação e interpretação.

A mediação constitui dimensão fundamental para a aproximação da criança com o livro. Bajard (2012) contribui para compreender que o contato infantil com a escrita pode ocorrer por diferentes vias, especialmente quando a criança participa de situações de escuta e de aproximação visual do texto. Na Hora do Conto, o professor atua como mediador ao colocar sua voz e sua ação em relação com o livro, permitindo que a criança acompanhe a narrativa e observe o objeto e suas características.

Segundo Bajard (2012) "a partir dessa dupla experiência, escuta e aproximação visual, a criança vai percebendo que a narrativa se expressa por meio de três matérias: a imagem, o texto escutado e o texto gráfico ainda não legível" (Bajard, 2012, p. 47). Esse trecho evidencia que a experiência da criança com o livro não se limita à compreensão da palavra escrita. Ela envolve a articulação entre diferentes elementos presentes no objeto literário.

Durante a Hora do Conto, a criança pode acompanhar a passagem das páginas, observar a capa, reconhecer imagens, perceber personagens, relacionar a ilustração com aquilo que está sendo narrado e acompanhar a organização gráfica. Essas ações contribuem para que o livro seja progressivamente reconhecido como objeto de leitura. Bajard (2012) também destaca que, a partir dessa experiência, "assim se instalam os primeiros saberes sobre a escrita, que irão se multiplicando" (Bajard, 2012, p. 47).

A mediação não consiste nunca em substituir a criança no processo de leitura, mas em criar condições para que ela participe de uma prática cultural que ainda está aprendendo a dominar. A voz do mediador permite que a criança tenha acesso à narrativa, enquanto a presença do livro e a observação de seus elementos favorecem a construção de conhecimentos sobre a linguagem escrita e sobre as formas de circulação da literatura.

Girotto e Lima (2011) trazem um reforço para essa perspectiva ao compreenderem a Hora do Conto como atividade propulsora de aprendizagens significativas. As autoras destacam que a criança pode tornar-se sujeito ativo no processo de apropriação das riquezas culturais quando o professor cria elos mediadores intencionais para suas aprendizagens. Desse modo, a mediação docente está relacionada à organização das condições para que a criança participe efetivamente da experiência literária.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

ISSN: 2358-8829

A partir das contribuições discutidas, a Hora do Conto pode ser compreendida como uma prática que favorece a formação de motivos para a leitura. Essa formação não ocorre de maneira imediata, mas por meio da continuidade das experiências. Quando a criança encontra regularmente situações em que a leitura é realizada para conhecer histórias, imaginar acontecimentos, compartilhar experiências e compreender o mundo, ela pode atribuir novos sentidos ao livro e à leitura.

Mello (2011) destaca que os motivos são constituídos nas experiências concretas e que a necessidade de leitura precisa ser formada. Nessa perspectiva, a escola tem responsabilidade na organização de experiências que permitam à criança perceber a função social da leitura. A Hora do Conto pode cumprir essa função quando a história é valorizada como experiência em si mesma e quando a criança é colocada diante de uma obra que desperte sua curiosidade e possibilite sua participação.

É importante diferenciar, portanto, uma Hora do Conto utilizada apenas como recurso para preencher um intervalo da rotina de uma prática inserida intencionalmente no cotidiano escolar. No primeiro caso, a atividade pode permanecer isolada e sem continuidade. No segundo, a experiência com a literatura pode constituir uma prática recorrente, criando familiaridade com os livros e possibilitando que as crianças desenvolvam expectativas, preferências e vínculos com a leitura.

A continuidade também permite que a criança avance em sua autonomia. Inicialmente, pode depender da mediação do adulto para acessar as histórias; posteriormente, pode escolher livros, observar imagens, recontar narrativas, solicitar novas leituras e buscar outras obras. A mediação, portanto, não tem como finalidade manter a dependência da criança, mas favorecer condições para que ela gradualmente amplie suas possibilidades de participação.

Girotto e Lima (2011) defendem que contar e ouvir histórias devem integrar a rotina educativa. Essa presença contribui para que a literatura passe a ser uma experiência que faça parte das relações cotidianas das crianças com a linguagem. A Hora do Conto, nesse trabalho, pode constituir um momento privilegiado para aproximar a criança dos livros e criar condições para que a necessidade de ler seja construída a partir de experiências significativas.

> Além da hora do conto levá-las a sentirem o prazer pela leitura e pelo contar histórias, por meio dela, as crianças tiveram a oportunidade a um só tempo de se apropriarem de novos motivos de conhecimentos (aprender a ler e a escrever). (Girotto; Lima, 2011, p.71)

ISSN: 2358-8829

A concepção de criança presente nesta discussão é a de um sujeito que participa ativamente do processo de apropriação da cultura. Essa participação não depende exclusivamente da capacidade de realizar a leitura convencional. Na Hora do Conto, a criança pode demonstrar sua compreensão de diferentes formas: pela expressão, pela fala, pela atenção, pelas perguntas, pelas relações que estabelece entre acontecimentos, pelas observações sobre as imagens e pelas interpretações que compartilha.

Essa participação dialoga com a discussão de Mello (2011) sobre a criança como elemento ativo na relação com o meio. A autora, ao discutir o conceito de vivência em Vygotsky, ressalta que a influência do meio não ocorre de forma direta e automática, pois é mediada pela maneira como a criança vivencia determinada situação. Assim, não basta oferecer livros, é necessário organizar experiências que possibilitem à criança estabelecer uma relação significativa com eles.

Na experiência literária, a produção de sentidos pode ocorrer de maneira compartilhada. As crianças podem perceber aspectos diferentes da narrativa e construir interpretações que se complementam ou se contrapõem. O professor pode acolher essas manifestações, retomando elementos do texto e das imagens, sem transformar a leitura em um interrogatório de respostas previamente esperadas. A conversa posterior à história pode ampliar a experiência quando preserva a centralidade da obra e permite que as crianças expressem suas compreensões.

Desse modo, a Hora do Conto pode favorecer não apenas a aproximação com o livro, mas também o desenvolvimento da capacidade de interpretar, imaginar e comunicar sentidos. A criança é reconhecida como participante da atividade e não apenas como receptora de uma narrativa. Essa posição é importante para a formação leitora, pois a relação com a literatura se constrói também por meio da possibilidade de dizer o que se compreendeu, de ouvir outras interpretações e de voltar ao texto para ampliar a própria compreensão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou refletir sobre a Hora do Conto como prática pedagógica capaz de contribuir para a criação de necessidades de leitura e para a formação de leitores na infância. A partir da análise bibliográfica, foi possível compreender que a relação da criança com a leitura se constitui nas experiências concretas que vivencia e nas condições de participação

ISSN: 2358-8829

que lhe são oferecidas. Nesse processo, a escola possui papel relevante na criação de situações em que o livro e a literatura possam adquirir sentido para as crianças.

As contribuições de Mello (2011) permitem compreender que a formação de uma atitude leitora não se reduz à transmissão de conhecimentos ou à apresentação da técnica da leitura. É necessário que a criança viva situações nas quais a leitura cumpra sua função social e possa, a partir dessas experiências, constituir motivos para ler. A Hora do Conto apresenta-se, nesse sentido, como uma possibilidade concreta de criar experiências em que a leitura esteja associada à compreensão, à imaginação, ao conhecimento e ao contato com a literatura.

Coelho (2000) contribui para pensar a literatura infantil como experiência de comunicação e formação, destacando a importância de articular momentos organizados e espaços de maior liberdade. Bajard (2012), por sua vez, possibilita compreender a relevância da escuta, da aproximação visual e do contato com o livro para a construção dos primeiros saberes sobre a escrita. Girotto e Lima (2011) reforçam a importância do ato educativo intencional e da presença da Hora do Conto como atividade propulsora de aprendizagens significativas.

Assim, a Hora do Conto não deve ser compreendida como uma atividade isolada ou como mero recurso para preencher a rotina escolar. Sua contribuição para a formação leitora está relacionada à qualidade das obras escolhidas, à intencionalidade da mediação, à continuidade das experiências e à participação efetiva das crianças. Quando a literatura ocupa um lugar significativo no cotidiano, a criança pode construir relações cada vez mais próximas com os livros e com a leitura.

Conclui-se, portanto, que criar necessidades de leitura significa criar condições para que a criança viva experiências nas quais ler e ouvir textos tenha sentido. A formação do leitor começa antes da autonomia convencional da leitura e se desenvolve nas relações que a criança estabelece com os livros, com os adultos e com outras crianças. Nessa perspectiva, a Hora do Conto pode constituir uma prática pedagógica importante para inserir a criança na cultura escrita e favorecer a formação de leitores desde a infância.

Palavras-chave: Hora do conto; Leitura, Formação Leitora, Mediação.

REFERÊNCIAS

ARENA, Dagoberto Buim. A literatura infantil como produção cultural e como instrumento de iniciação da criança no mundo da cultura escrita. In: SOUZA, R.J. DE [et al]. Ler e Compreender: estratégias de leitura. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 13-44.

BAJARD, Elie. A descoberta da língua escrita. São Paulo: Cortez, 2012.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: teoria, análise e didática. São Paulo: Ática, 2000.

GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões.; LIMA, Elieuza Aparecida de. A hora do conto no processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Nuances: Estudos sobre Educação, Presidente Prudente, v. 13, n. 14, 2011. Disponível em: https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/370. Acesso em: 17 jul. 2024.

MELLO, Suely Amaral. Produção de sentido e formação de leitores. V Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo: Marxismo, Educação e Emancipação Humana. UFSC: Florianópolis, 2011.

VYGOTSKY, L. S. The problem of the environment. In: VAN DER VEER, R.; VALSINER, J. (org.). The Vygotsky reader. Oxford: Basil Blackwell, 1994. p. 338-354.